

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA RELIGIOSA, POLITICA E NOTICIOSA.

REDACTORES—D. Miguel Sotto-Mayor e Dr. Custodio Velloso.—DIRECTOR—Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel.

6.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA		PUBLICA-SE	PREÇO DA ASSIGNATURA		N.º 864
	Braga, 12 mezes.	1\$600		Provincias, 12 mezes.	2\$000	
	» 6 »	850	ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.	» 6 »	1\$050	
	Correspondencias partic. cada linha	40		» sendo duas assignaturas	3\$600	
	Annuncios cada linha.	20		Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600	
	Repetição	10		Folha avulso	10	

D. JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM
Pessoa, por mercê de Deus, etc.

Sendo chegado o tempo de uma nova ordenação de Ordens Maiores de Diacono e de Presbytero; que, ajudando-Nos Deus Nosso Senhor, temos determinado fazer no dia 29 do mez de Março do proximo futuro anno de 1879; conferindo, se julgarmos conveniente, Ordens Menores no dia 23 do mesmo mez de Março; Havemos por bem Ordenar o seguinte:

1.º—Os exames para esta Ordenação serão feitos nos dias 19, 20 e 21 do mez de Dezembro do presente anno nas materias já determinadas, na fôrma costumada;

2.º—Os alumnos, que pretenderem habilitar-se, deverão entregar em a Nossa Secretaria os seus requerimentos documentados até ás onze horas da manhã do dia 7 do predicto mez de Dezembro;

3.º—Os ordinandos para presbytero terão dez dias de exercicio espirituaes e de recolhimento em o Nosso Seminário de S. Pedro, para o qual deverão entrar no dia 16 de Março do proximo futuro anno de 1879, até ás seis horas da tarde;

4.º—Os ordinandos de Diacono e de Menores terão seis dias de exercicios espirituaes, que começarão para todos no dia 17 de Março na Capella d'esta Nossa Residencia, na fôrma das passadas ordenações;

5.º—Devem ser julgadas de execução permanente, em quanto não mandarmos o contrario, as disposições da Nossa Provisão de 12 de Novembro de 1877.

Dada e passada sob o Nosso signal e sello das Nossas armas em o Paço Archiepiscopal de Braga, aos 11 dias do mez de novembro de 1878.

Logar X do Sello.

João, Arcebispo Primaz.

Tendo na maior consideração o que Nos foi pedido pela Comissão Central—Primeiro de Dezembro de 1640—, em vista dos motivos expostos no seu officio com a data de 2 do corrente mez de novembro; Havemos por bem recomendar a execução da Nossa Portaria de 23 de novembro de 1875; esperando que os Muito Reverendos Vigários Geraes e Arciprestes d'este Nosso Arcebispado, onde os fieis em todos os tempos têm dado sobejas provas do seu valor, da sua dedicação e do seu amor pela independencia, pela autonomia e pela liberdade da patria, empregarão, de accordo com as auctoridades civis, todos os meios ao seu alcance, para que aquelle dia, tão notavel como glorioso nos fastos da Nação portugueza, seja religiosa e dignamente commemorado.

Paço de Braga, 14 de novembro de 1878.

João, Arcebispo Primaz.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 21 DE
NOVEMBRO DE 1878

Replica ao sr. Amorim Barboza

Escreveu o sr. Amorim Barboza, de Santarem, ao «Commercio do Minho», de 29 do passado, uma carta da qual só em 11 do actual tive noticia e pude ler, mostrando-se mais que maravilhado, escandalizado tambem de que eu:

1.º Tivesse agredido o revd.º sr. padre Seabra por ter assistido em nome da «Nação» ás exequias de A. Herculano; chegar até a fazer gloria disso;

2.º De que não tivesse procurado obter informações seguras antes d'escrever, como escrevi, que este notavel escriptor morrera, ostensivamente ao menos, fora da Igreja;

3.º De que eu mettesse em almoeada a conducta de um sacerdote, em cuja vida não ha, nem tem havido, causa d'escandalo».

Não duvido crer que o esclarecido defensor do illustre finado, e do digno ecclesiastico que assistiu ás exequias, levará a bem a minha resposta; e alimento a esperança de que ella fará cessar o seu escandalo, e desaparecer a causa que o maravilhou.

A' primeira arguição respondo, que eu tambem respeito o caracter sacerdotal, e o mostrei durante vinte annos na redacção do «Bem Publico», bem conhecido pelo sr. Amorim Barboza que algumas vezes o honrou com os seus escriptos; e o provei no proprio artigo que me provocou as suas arguições. Mas esse respeito não me impõe o dever de auctorisar com o meu silencio os actos publicos de qualquer sacerdote, que os manifestou, e fez alardo, e que chegaram a escandalisar a muitos catholicos. *Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

A' segunda respondo, que é verdade que não tirei informações sobre o viver domestico de Herculano, porque nunca me considerei auctorisado para devassar os segredos do lar, para me constituir juiz de alguém—deixo essa tarefa a quem nella se deleita. Mas não é exacto que as não tivesse tomado, assim de amigos como de indifferentes, sempre que se me offerecia occasião quanto aos seus ultimos dias; e essas informações deixaram-me impressões desagradaveis que se enraizavam cada vez mais: facilmente penetrava os fins com que se procurava illudir os catholicos para não fazerem dissonancia com a verdade no concerto de louvores com que se divinisa o inimigo fidalgo do catholicismo, só porque assim falleceu.

Se são unicamente seguras, no sentir do sr. Amorim, as informações da respeitavel e desolada viuva, e do sr. João Urbano da Silveira, não o são no nosso, pois não lhes dá importancia e valor a qualidade de amigo no segundo, e a circumstancia de interessada na primeira, que naturalmente lhes fazia crer o que a sua amizade e amor desejavam para a boa fama do seu consorte e amigo.

E' passado um anno depois que Herculano foi chamado á presença de Deus; e o que agora repito é meramente o echo do que se disse então em volta do seu ataude: que motivo obrigou o sr. Amorim Barboza a guardar o silencio sobre tudo e que sabia em favor do finado? Esteve mudo, e foi sómente agora que rompeu o silencio; e extranha que eu ignorasse o que elle tão inflexivelmente guardou consigo! Se errei, não adverte que assiste o direito de attribuir-lhe a parte principal no meu erro?

Não analyso as razões que invoca para abonar a conversão do finado, porque me parecem muito debeis; farei apenas rapidas considerações. Não prohibia á esposa a pratica das suas devoções; mas se o fizesse não era um malvado que abusava da força? dispendeu 300 mil e tantos reis nos adornos do oratorio da mesma; mas não era isso um acto de galanteria que nenhum homem de coração nega á sua consorte? finalmente casou com ella segundo o rito catholico; mas não percebe que o casamento civil não dependia só de sua vontade? Nem isto, nem o ter casado fóra da aristocracia, e da plutocracia auctorisa a crer que elle tivesse tor-

nado ás crenças catholicas da sua mocidade, como não auctorisa a crer que deixou de ser catholico todo aquelle que vae buscar para esposa uma mulher nobre e rica.

Retractou por ventura tudo o que tinha escripto contra Maria Santissima, contra a Infalibilidade pontificia, contra a Igreja, contra os Papas, e contra os Concilios, nemeadamente os de Trento e de Vaticano? Infelizmente não; e todavia essa retractação era necessaria,—a condição *sine qua non*.

Talvez fosse por isso que o sr. padre Seabra não se atreveu a affirmar que A. Herculano morreu no osculo do Senhor, e no seio da Igreja, nos motivos, que longamente expoz afim de justificar a sua presença nas exequias; o que não deixaria de fazer se estivesse convencido, como parece estar o sr. Amorim Barboza, de que elle morrera catholico.

A questão é, pois, esta: Morreu o sr. Herculano no gremio da Igreja Catholica? Se não, era do meu dever escrever o que escrevi, e não ha razão para extranhar, nem menos para se escandalisar do que a justiça e a verdade me obrigaram a dizer; se morreu no seu gremio, prove-o o sr. Amorim Barboza com razões concludentes. As que produziu nem sequer auctorisam supposições.

Eu não trato de saber se é verdade ou não que a mulher do fallecido lhe lembrou que chamasse um padre, e que recebera uma resposta que a fez retirar-se chorando. Quero antes crer que o moribundo, tendo feito o seu testamento, recommendou se lhe chamasse um padre; que este não pôde acudir ao chamamento por lh'o impedirem os seus deveres parochiaes; motivo por que teve de pedir se chamasse outro, o qual não pôde ver o doente porque um seu sobrinho «se oppoz a isto, e tal urdidura de duvidas teceunos familiares, que a morte pôz termo a tudo».

Este sobrinho parece-me ter seguido muito á risca as doutrinas que do tio recebera por mais de 23 annos, e os exemplos que tinha presenciado! E não teria Deus permitido isto mesmo para castigar o «orgulhoso do seu nome para não retractar-se, escrevendo, do que uma vez houveres escripto»? Foi assim mesmo que succedeu com Voltaire; não menos orgulhoso, e que só se retractaria, recebendo á hora da morte o padre que se apresentava para o reconciliar com Deus.

Se não me engano, acceita esta retractação indirecta o sr. Amorim Barboza, apezar d'ella titillar o orgulho mais indomito. Quererá o sr. Amorim Barboza passar diploma de catholico a Voltaire com os mesmos fundamentos com que o acaba de passar ao sr. Herculano? Outros não tem.

Concluo esta resposta perguntando, por que se não publicou esse testamento, na parte alheia aos negocios do seu estabelecimento e casa? Na falta de outra coisa mais solemne e precisa, esse documento pôde alguma luz dar sobre este particular, a favor ou contra as affirmações do meu estimavel contendor.

A' terceira respondo que nunca puz em almoeada (*leilão*) a pessoa, e muito menos a conducta (*regra de proceder*) do sr. padre Seabra, que mal conheço de vista. Nesta arguição o illustre advogado de Santarem deixou se levar muito longe pelo fogo da sua eloquencia, nesta defeza do cliente que officiosamente tomou a si.

Agora duas palavras ainda, que não pode arguir de sobre-posse, porque me obrigou a dizel-as. Eu não chamei *atheo*

ao sr. Herculano, que na sua ultima evolução se fez *deista* (tambem Voltaire o era); nem me oppuz a que os fieis orassem pela sua alma: eu tambem o fiz, e não me condemnaria a mim mesmo. Se o sr. padre Seabra dissesse uma ou mais missas pela alma do escriptor tão querido eu não hesitaria em louvar a sua caridade; o que censurei foi que assistisse a exequias publicas, por serem estas uma grave offensa ás leis da Igreja, que prohibe esses *obsequios* ás almas d'aquelles que a offenderam e a repudiaram em vida, sem se arrependarem na hora da morte.

Tambem não quero examinar a sua theoria theologica sobre os suffragios ostentosos; mas tenho o direito de poder affirmar que a Igreja sabe mais theologia que o nobre patrono officioso dos snrs. padre Seabra e A. Herculano, querendo que se possam fazer exequias que ella prohibe a pretexto de que aproveitam ás outras almas.

Julgo inutil dizer que respeito muito o sr. Amorim Barboza, e ha já bastantes annos; mas por isso mesmo considero-me obrigado a dizer-lhe que a gravissima enfermidade de uma pessoa do meu sangue; que ha quasi tres mezes tem estado entre a vida e a morte, foi a causa de me ter demorado tanto em conhecer a sua estimavel resposta ás minhas humildes observações, e rectifica-la, como hoje faço.

Lisboa, 16 de novembro de 1878.

José Maria de Souza Monteiro.

P. S.—Cuido não o ter offendido nesta minha replica; mas se por menos attenção da minha parte empreguei alguma expressão que o ferisse; desde já a retiro, e peço que a tenha por não escripta.

S. M.

Redacção do «Commercio do Minho».

Londres, 25 de Outubro, 1878.

Alto lá, Senhores! Verdade, verdade! Nada de torcer a historia n'aquillo em que eu tive parte. Ainda não morri. A Nação, que ultimamente ha, de certo, melhorado em materia de argumento e apreciação de factos, devia ter um pouco mais de escrupulo e modestia, em certas conclusões que vão consideravelmente d'encontro á verdade.

Nada de pallear erros; cuja primeira emenda é confessal-os. Na 3.ª columna da pagina 1.ª, em a Nação n.º 9.991, de 18 do corrente, leio, em resposta ao *Jornal do Commercio* (que supponho inculcar agora aos Portuguezes Legitimos o absterem-se da farça das eleições), os seguintes paragraphos—donde parece entender-se que o *J. do Commercio* aconselha aos Legitimistas o absterem-se da orgia eleitoral:—

«E seria isso mais logico, e mais prudente, do que chamar tambem ao partido *demio liberal* o partido legitimista. Por muito mal que d'elle pense (o *J. do Commercio*), porque aconselha a todos os *homens independentes* a abstenção eleitoral, deve ao menos levar-lhe em conta o sapiente proceder, que tem tido, de se desviar d'esse circulo envilecido, desde que veio a corrente de immoralidade que sempre mais o invadiu.

«Houve um tempo, e não foi ha 30, nem ha 20 annos, em que o partido

«legitimista, não levado pela ideia de realisar o seu programma pelo meio eleitoral, o que seria rematada estulticia, mas só por puro amor da patria se empenhou na luta eleitoral. Viu depois a impossibilidade de sustentar esse leal proceder em frente da deslealdade dos adversarios, e recolheu-se á sua tenda, procurando conservar o fogo sagrado para a reconstrução social. E parece que viu e previu bem. A sua abstenção deixou o campo aberto para essa dissolução liberal, que ha de acabar por um cataclismo salutar.»

Alto lá!—torno a dizer; no que acima vai copiado ha uma dose gravissima de falta de verdade, assim como ha uma inconsistencia menor em que nunca eu cabi; mas essa é venial, a quem se acha no meio de uma atmosfera de confusão e desordem, como ha mais de quarenta annos em Portugal voga e domina.

A falta de verdade — e note-se, não the chamo mentira; porque, provavelmente, quem escreveu o artigo, talvez estivesse em cueiros ha 26 annos, quando os factos se dêram, de que eu contradigo a relação agora dada no extracto que deixo copiado; — a inexactidão está, em assim se attribuir ao «Partido Legitimista» (isto é, á grande maioria nacional—que tem direito a não lhe chamarem «partido»), o que foi simplesmente um acto de ambição e vaidade pessoal de dois individuos—de um principalmente.—Sim, de um que insistiu em proceder contra a resolução expressa tomada n'uma grande reunião Legitimista, presidida pelo mui sensato e honrado Conde de Barbacena; e onde, se bem me lembro, creio que só Albino d'Abranches Freire de Figueiredo, foi de opinião contraria (e até escreveu uma indecente brochura, que ahi tenho, insultando e ridiculizando o mesmo honrado Conde).

D'essa mui presumptuosa loucura,—para coonestar a qual foi o Sr. Pinto Coelho subrepticamente á Allemanha aliciar o consentimento involuntario d'El-Rei o Sr. D. Miguel,—resultou o honroso espectáculo, de estarem—por 2 ou 3 annos, pouco me importa a exactidão do tempo — os Senhores Pinto Coelho e Pereira da Cunha, aproveitando, em S. Bento, das aranhas, como faces da nação Legitimista, as bofetadas mais ou menos severas, de José Estevão e Companhia.

Eis ahi o que ganharam, o que ganhou a reacção com os dois Representantes da sua vaidade,—pois, de certo, a proporção do povo e opinião legitimista, estava então, para a dos Mindelleiros, em razão maior que de 2:140, ou 150, ou o que seja o numero do Chalratorio dos Aranhões.

Pois a essa vergonha — que a parêlha de Representantes (de si-mesmos) a repudiou—se deveu o golpe mais fatal dado á nossa causa; quando, o Governo Ingles, presidido por Lord Aberdeen, que foi meu amigo, então mesmo pensava já em a nossa Restauração como cousa inevitavel. O facto porém, de tomarem os Legitimistas a resolução de ir ao Palratorio, (que foi assim que se interpretou cá o irem os dois individuos a S. Bento), transtornou-me tudo; fez-me passar por impostor, que representava uma insignificante minoria como sendo a parte substancial da nação. E comtudo, só quem fôr de má fé pôde negar que eu representava a verdade.

Depois d'esta amostra do panno — e não se peuse que me falem d'elle muitos covados, peças inteiras, —ajuize-se da razão e verdade com que—inocentemente, sem duvida—o escritor dos paragrafos acima citados da Nação, pôde gabar-se, em nome d'aquella abstenção do Palratorio, em nome dos sabios Directores Lisboaes, ou do Bemformoso.

Julgue lá como quizerem da minha capacidade e sinceridade; mas não tenho duvida ou hesitação em dizer, que de uma vez se impediu de certo o triumpho da causa legitima nacional, por inveja, emulação, ciúme, ou não sei como lhe chame, de minha insignificancia pessôa; e duas outras vezes, estou persuadido intimamente, que sem as fátuas presumpções de certa gente—sem a demasiada autoridade que o Bemformoso (o qual não devia esquecer-se de que me deve a mim a existencia) se arrogou, de director (quando devia ser dirigido), não se achariam a nossa causa e Portugal na miseravel condição em que se encontram.

A R. SARAIVA.

Lisboa, 14 de novembro de 1878.

(Do nosso correspondente).

Parece que a situação começa a caecer dos soccorros do sr. Vytri.

Ha quem assevere que o poder se desmorona, e nos deixa ainda antes de janeiro.

Não acho muito verosimil; todavia, como já temos visto cahir governos, que pareciam resistir a todos os esforços possiveis, empurrados por uma simples dor de dentes, não nos deve colher de supito a nova, triste nova! de mais uma mudança ministerial, em breves dias.

A imprensa governamental ostenta-se cada vez mais ancha, e mais convencida de que o ministerio só irá figurar no immenso rol dos governos demittidos para as kalendas gregas; mas o jornalismo da capital está na sua terra, não é porisso propheta.

Mas se a regeneração vacila, e cahe, terá o paiz governo, que o colloque em via de prosperar?

Não creio, porque a longa experiencia de quasi meio seculo de vãs promessas, de desatinos, e de crimes de lesa nação persuade ainda o espirito mais sceptico da impossibilidade de se obter qualquer vantagem, a favor d'este povo, de iniciativa liberal.

Exprobra a opposição ao governo os seus despropósitos, as suas larguezas, as suas prevaricações, e iniquidades. Diz que a epocha é apenas dos compadres, e dos afilhados, que as leis são letra morta, que os abusos se reproduzem a cada momento, que a fazenda esta na mão das bruxas, que se vive em pleno dominio absoluto, embora sob a mascara da liberdade; mas, que teem feito todos os ministerios liberaes senão ensinar ao actual, e aos que teem de vir, as mesmas manhas, as mesmas espertezas, as mesmas loucuras, os mesmos erros, as mesmas aberrações, que os jornaes liberaes, progressistas ou republicanos, lançam em rosto á situação?

Crêde, meu bom amigo, se o sr. D. Luiz chamar aos seus conselhos qualquer ministerio sahido do gremio, que ahi lhe tem cuspidos na face as injurias mais pungentes, que o tem posto pelas ruas da amargura, que o tem esbofetado cruel e incivilmente, crêde que o sr. D. Luiz será em continente endeusado pelos proprios homens, que o teem amarrado ao poste da execração publica.

A imprensa liberal progressista não pôde acabar comsigo, vendo o modo como se resolveu a questão do enterro do suicida do regimento 16.

Aproveitou mais um ensejo para verberar a politica do governo, e ostentar-se mais uma vez implacavel inimiga da Igreja.

E' innegavel que o governo, não exercendo pressão sobre a consciencia dos sacerdotes, que se negaram a acompanhar, até o cemiterio, o cadaver do infeliz, a quem a Igreja negava os suffragios publicos, e solemnes, procedeu louvavelmente; mas, a opposição liberal, descarrega a massa das suas iras contra o governo, porque não puniu os dous ecclesiasticos, aliás benemeritos aos olhos de toda gente, para quem a causa da religião, e da moral não é indifferente!

O enterro fez-se civilmente, e o corpo do suicida lá se foi confundir com os cadaveres dos que falleceram no gremio catholico, porque a camara municipal, progressista dos quatro costados, continúa a desobedecer ao governo, que, por sua parte, deixa correr á revelia a causa, que o ministerio Avila propugnou gentilmente.

Como decerto vos merece muita, e mui respeitosa sympathia o nosso commum amigo Antonio Pereira da Cunha, dir-vos-hei que no dia 2) do corrente, deve de casar a primeira filha d'aquella distinctissimo legitimista, a sr.^a D. Maria Amalia Pereira da Cunha, com o filho do sr. Salvador Paes. A noiva é uma das mais amaveis donzellas da verdadeira aristocracia do paiz.

Muito tem dado que scismar aqui o facto da guarda do paço da Ajuda ser dada agora por gente de todos os corpos de infantaria, e caçadores, quando só infantaria 1 merecia exclusivamente, ha muitos annos, a honra de guardar a habitação do augusto chefe do Estado.

São mil as versões, e algumas nada favoraveis áquelle corpo, que alguns julgam immerecidamente desconsiderado pelo sr. Fontes.

Não me parece que acertam. Comtudo, é notavel a alludida alteração. Deve ne-

cessariamente de ter havido um motivo assaz forte para compellir os corpos de Lisboa a dar aquella guarda, tendo os seus quartéis tão distantes, e dispensar o de infantaria 1 de continuar a dal-a diariamente, como até ha poucos dias a deu. E' porora um mysterio para os profanos. Estou porém que afinal o conheceremos.

Todo vosso

A.

GAZETILHA

1 de Dezembro.—O inclyto Prelado d'esta archidiocese acaba de expedir uma Portaria, que vae publicada em outro logar, mandando executar a veneranda Portaria de 23 de novembro de 1875, na qual s. ex.^a revm.^a ha por muito recommendado aos mui revd.^{os} vigarios geraes e arcyprestes, que, nas capitais das suas comarcas ou districtos ecclesiasticos e nas povoações mais notaveis d'ellas, mandem cantar, no dia 1.^o de Dezembro, faustissimo anniversario da nossa independencia nacional, com o clero que commodamente possa reunir-se, o hymno Te-Deum laudamus, com exposição do SS. Sacramento á bocca do sacrario, ou no throno.

Estes documentos glorificam o sabio e virtuoso Prelado da Igreja Bracarense, a qual na sua brilhantissima serie de arcebispos se ufana de contar, entre outros, um egregio patriota, qual foi D. Gonçalo Pereira, progenitor do immortal condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Doença.—Tem estado e continúa gravemente enferma a unica filha do honrado pharmaceutico e nosso distincto amigo, o sr. Antonio Domingues Alvim. Pedimos a Deus que restitua a saude áquelle interessante creancinha, e com ella a alegria aos desvelados paes, de quem é o enlevo e o thesouro mais querido.

Os cahos fazendario.—Dizemos:—Bradaes no deserto. O ecco da vossa voz expira antes mesmo de chegar aos angulos do vosso escriptorio. Empregados que se recommendem pela sua honestidade e pelo exacto cumprimento dos seus deveres, é o que essa gente não tolera. Tudo vae ás mil maravilhas. Sabeis o que elles querem? E' alarves que vão para qualquer parte só para arranjar dinheiro, e que sejam tão impudentes, tão sem-vergonha, que se não pejem de assim o declararem mui desapadadamente.—

Somos contentes.

Mas não se dirá que toda Braga é um burgo podre; que um adventicio qualquer pôde vir aqui manter a seu bel-prazer a bolsa e a dignidade de cidadãos que se presam.

Não comprehendemos como governos que blasonam de popularidade, ou aspiram á popularidade, confiam certos cargos a homens, que os prejudicam mais do que todas as opposições facciosas dos esfomeados das pitanças da Ajuda.

E desilludi-vos os que vos fingis illudidos. O povo geme, em silencio, quando ides arrebatá-lhe o suor do rosto para com o seu producto mandardes doirar os vossos talheres; mas não brinqueis muito com elle. E' o que a voz da historia vos deverá repetir no maior atordoamento das vossas orgias.

Prosigamos em o nosso proposito.

Ahi vae o SEXTO dos milhares de factos com que demonstrámos e demonstraremos que a repartição da fazenda e companhia d'este concelho é... um cahos, e que o sr. da sobredita é de bico amarello.

Fizeram saber ha dias a uma senhora, viuva, moradora no campo de Sant'Anna, que ella tinha de pagar á fazenda uma divida alli em aberto ha vinte annos!

Certa de que havia pago todas as contribuições, aquella senhora dirigia-se á fazenda, e ahi, sendo-lhe perguntado o nome, disseram-lhe que effectivamente ella se achava em divida, ha vinte annos, d'uma contribuição predial lançada em seu nome, como pertencente á freguezia de S. João do Souto.

Observou a referida senhora que nunca, pela palavra nunca, vivêra na freguezia de S. João do Souto, e que nunca, pela palavra nunca, possuirá predio algum na mesma freguezia. Desejando conhecer os documentos que tal provassem, obteve como resposta que os papeis já tinham ardido!!

Foi acto continuo consultar um dos mais distinctos advogados d'esta cidade,

e por elle foi aconselhada a que não passasse nem um real, e que só tratasse do negocio quando recebesse alguma intimação.

Cavalheiros, de cuja seriedade não é licito duvidar, asseveram-nos que o sr. da fazenda costuma dizer amudadas vezes: —«VIM PARA BRAGA PARA ARRANJAR DINHEIRO, E NÃO PARA ARRANJAR AMIGOS».—Eis o homem.

Mais outro, que diz respeito á companhia:

Um individuo da freguezia da Sé recebeu ha tempos um aviso para ir pagar a verba de 818 reis de contribuição industrial, como caixeiro de balcão.

Na occasião em que elle mandou pagar aquella quantia, um sr. empregado pegou do aviso respectivo, e sem mais tir-te nem guar-te, zás... Riscou a verba de 818 reis, e substituiu-a pela de 1\$444, de contribuição de renda de casas (um caixeiro de balcão a pagar contribuição de renda de casas!!!), acrescentando que tinha havido engano.

O individuo collectado recusou-se a cooperar para um tal... engano, e insistiu em mandar pagar a quantia de 818 reis, que afinal, como não tinham pegado as bichas, foi aceite.

Em summa: O tal caixeiro não é papalvo; ora não é assim, sr. empregado? Documento em nosso poder.

Aposentação.—A distincta actriz Emilia das Neves foi aposentada com o ordenado de 72:000 reis mensaes.

Sim snrs. Muito bem.

Pois não querem ver para que serve o dinheiro do contribuinte?

Para sustentar o ocio d'uma atriz, que praticou em terras de Portugal os mais alevantados gestos d'heroismo, com os quaes restituiu a Portugal a independencia, alargou-lhe os redusidos terminos, ganhando para si e para a patria romas de gloria nas conquistas da mouraria e... dos selvagens do Chiado.

Como isto vae, santo Deus!

Lentes de Coimbra.—Aham se actualmente ausentes, segundo um collega, 19 d'estes snrs., 10 com licença e os restantes em commissão.

Bem melhor seria que estivessem todos, pois, se a sciencia alguma cousa perdesse, muito mais ganharia a moralidade.

Isto vae ás mil maravilhas.

Portugal antigo e moderno.—Temos presente o fasciculo 130.^o do dictionario Portugal antigo e moderno, pelo indefesso investigador Augusto Soares d'Azavedo Barbosa de Pinho Leal.

Compreheende as folhas 8 e 9 do volume XIII, e continua de letras REG até REQ.

Entre outras descrições contém uma erudita e minuciosa noticia descriptiva do mosteiro de Rendufe, situado na freguezia d'igual nome, 9 kilometros a N. O. d'esta cidade, redusido a cinzas no dia 29 de julho do anno passado, ficando apenas salvo das chammas o magnifico templo, e a morada dos caseiros.

Esta publicação não precisa d'encarecimento, pois por si mesmo se recommenda.

Um regicídio mais.—D'esta feita tocou a vez a Humberto I, rei da Italia-una. Porora temos o facto narrado nos telegrammas que seguem:

Lisboa 18, ás 3 h. e 50 m. da tarde. Consta que o rei da Italia foi apunhalado, e escapou.

(Do nosso correspondente)

Roma 17, á tarde, (via de Madrid, á 1 hora e 20 m. da manhã).—Corre o boato de que o rei Humberto I, ao sahir da gare do caminho de ferro em Napoles, foi ferido ligeiramente com um golpe de faca.

O auctor do attentado foi immediatamente preso.

Napoles 17, á noite:—Suas magestades chegaram a Napoles ás 2 horas e 20 minutos.

Na rua Carbonara, enquanto apresentavam varias petições aos soberanos, destacou-se da turba um individuo lançando-se de faca em punho contra o rei, que recebeu apenas uma arranhadura no braço esquerdo.

O presidente do conselho de ministros, o sr. Cairoli, foi ferido na coxa esquerda.

O assassino, que se chama João Coissinier, de 29 annos de idade, foi logo preso. Declarou que não pertence a ne-

nhuma sociedade, mas que não quer reis.

Roma 18—O rei Humberto declarou que recebera duas cartas annunciando-lhe o attentado.

Sua magestade accrescentou que a provincia não é responsavel pelo crime de um assassino.

Diz-se que a policia encontrou varias cartas internacionalistas na residencia do criminoso.

Em consequencia d'esta descoberta a policia prendeu diversos individuos internacionalistas.

O rei de Italia recebeu felicitações dos chefes dos Estados da Europa.

Cairolí, presidente do conselho de ministros, tambem recebeu felicitações de Emilio Castelar, seu amigo particular.

Roma 19, de manhã—O Papa felicitou telegraphicamente o rei Humberto.

O patriarcha de Veneza cantou um *Te-Deum* e reprovou o attentado.

A imprensa é unanime na condemnação do crime.

O «Observatorio Romano» exalta-se vivamente contra o attentado stygmatisando-o com energia.

O assassino já passou por tres interrogatorios. Declarou ser inimigo dos reis e que costumava ler muitos periodicos.

—Em resultado da transposição de palavras no despacho de hontem só hoje se pôde deprehender que o nome do regicida é João Passamanta, de profissão cosinheiro.

Theatro de S. Geraldo.—Na segunda-feira temos no teatro de S. Geraldo a grande actriz RISTORI, que vem honrar aquella nossa casa d'espectaculos, representando a tragedia *Medea*.

E' escusado dizermos que nem um só logar ficará de vago, porisso previnam-se com tempo.

Benativos.—O snr. Manoel da Costa Freitas e sua exc.^{ma} esposa, de Villa Nova de Famalicão, ao retirarem-se ha dias do Bom Jesus do Monte deixaram para o santuario a esmola de 105\$000 reis.

Obito.—Na segunda-feira falleceu a snr.^a Rita Maria Mendes, mãe do exemplar sacerdote o snr. padre Antonio Mendes e sogra do snr. Antonio de Faria Figueiredo de Mattos, actual vareador da camara municipal, aos quaes comprimentamos.

Despachos.—O «Diario» de 18 publica os seguintes:

O presbytero Antonio Manoel Seixas—apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na igreja parochial de S. Miguel de Frechas, do concelho de Mirandella, diocese primaz de Braga.

O presbytero Antonio Pereira da Cunha—apresentado na igreja parochial de Santa Maria de Villa Cova, do concelho de Barcellos, diocese primaz de Braga.

O presbytero Henrique Augusto Mendes da Costa, parcho collado na igreja de Nossa Senhora da Assumpção do Pedrogão Grande, diocese de Coimbra—apresentado na igreja parochial de S. Pedro de Gouveia, da mesma diocese.

O presbytero Joaquim Lopes—apresentado, na igreja parochial de Nossa Senhora da Conceição de Santo Estevão, do concelho do Sabugal, diocese da Guarda.

Declarado sem effeito, o requerimento do interessado, o decreto de 24 de outubro ultimo, que apresentou o presbytero João José de Mattos Ferreira na igreja de S. Thiago dos Velhos, do concelho de Arruda, diocese de Lisboa.

Assassinato.—Foi ha dias morto ás pauladas, dadas por dois rapazes, um outro da freguezia de S. Martinho de Parada, do concelho de Monsão. Os assassinos foram presos. Como isto vae de foz em fóra!

Grande crime.—Refere o «Noticioso», de Valença, que n'uma das ultimas noites foi assaltado um moinho das proximidades de Pontevedra. Os ladrões penetraram pelo telhado e introduziram-se no aposento em que se achavam os donos. D'este attentado resultou ficarem mortos o marido e a mulher; um menino e duas criadas feridas, e uma d'estas com tal gravidade, que falleceu no dia immediato no hospital d'aquella cidade. E tudo para roubarem 20 duros, 18\$000 reis. As autoridades já conseguiram capturar cinco pessoas.

Os jesuitas e a sciencia.—O padre Valentim Stecanella, da Sociedade de Jesus, acaba de publicar uma obra interessantissima: «Discussão historica, canonica, pratica sobre as eleições populares na Igreja».

O erudito auctor propoz-se discutir

duas questões: 1.^a é de direito divino ou cousa inherente á constituição da Igreja que os Bispos e Papas sejam eleitos pelo clero e pelo povo? O auctor conclue pela negativa; 2.^a é tal modo de eleição fosse adoptado seria vantajoso para a Igreja, como pretende o liberalismo? A conclusão tambem é negativa. Esta obra consta de vinte capitulos, onde os documentos abundam, a erudição assombra, e as conclusões, logicamente deduzidas, convencem os leitores.

Movimento do Hospital de S. Marcos.—Doentes existentes em 10 de novembro: 70 homens e 103 mulheres.

Entraram durante a semana finda: 21 homens e 16 mulheres.

Sahiram: 22 homens e 18 mulheres.

Falleceram: 3 homens e 3 mulheres.

Ficaram em tratamento em 16 de novembro 66 homens e 99 mulheres.

Preço dos cereaes.—Na terça-feira ultima, n'esta cidade, o preço dos cereaes foi:

Trigo.	800
Centeio	520
Cevada	560
Painço	480
Milho branco	520
» amarelo	520
Milho alvo	600
Feijão branco	800
» vermelho	800
» amarelo	600
» rajado	500
» fradinho	480
Batata	480
Azeite	6\$000

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

ATTENÇÃO

Os abaixo assignados declaram que a local do «Diario do Minho», de terça-feira, em que assevera constar-lhe que os escriptores dos juizes ordinarios vão reclamar sobre o facto de continuarem os juizes de direito a tomar conhecimento, e a julgar acções, que pertencem ao juizo ordinario, é FALSA.

Francisco d'Araujo Esmeriz
Serafim José Pereira Borges.
(2101)

TELEGRAMMAS.

Londres 16—Dizem as noticias de Constantinopla que a insurreição da Macedonia augmenta diariamente.

Pesth 16—Ao discutir-se na camara dos deputados hungara a resposta ao discurso da coroa, o snr. Tisza affirmou que a politica da Austria, desde que se manifestou a crise oriental, tem consistido em manter a integridade da Turquia, obstando a que seja presa da Russia. Espera convicto que o tractado de Berlim será cumprido pontualmente.

Constantinopla 17—Uma circular da Porta aos seus representantes no estrangeiro pede o apoio da Europa relativamente á execução do tractado de Berlim.

Dizem de Raguza que os chefes albanezes reunidos em Pruzrend, decidiram requerer á Porta a autonomia provincial sob a soberania do sultão.

Londres 17—Chegou hoje o conde Schouwaloff.

Tambem regressaram do Oriente o primeiro lord do Almirantado e o coronel Stanley.

Asseguram de Pera que o conde Schouwaloff procurou baldadamente justificar ao conde Andrassy a demora da occupação russa. O conde Andrassy declarou que a occupação russa violava o tractado de Berlim, o qual não deve estar subordinado á assignatura do tratado de paz definitiva.

Constantinopla 17—O conselho de ministros resolveu ceder á Grecia a quarta parte do Epiro, com excepção de Ganiña.

Midhat-Pachá foi encarregado de pôr em vigor na Asia as reformas inglezas.

Os russos sondam os seus partidarios.

Em Constantinopla continuam agglomerando-se tropas.

A canhoneira ingleza «Condor» foi mandada ao mar negro afim de reconhecer as posições russas em Bourgos.

Paris 18—Dizem de Bucharest que a Roumania recusa concluir a convenção com a Russia.

Berlim 18—Houve hontem graves tumultos em Gumberg. A policia foi mal-

tractada e foram feridos varios amotinados.

Paris 19—Assegura-se que os russos preparam-se para abandonar os arredores de Andrinopla.

Corre o boato de que Gortschakoff sahira de Baden Baden para não se encontrar com o conde de Schouwaloff.

Londres 18—Está convocado para amanhã o conselho de ministros.

ANNUNCIOS

Quem em novembro de 1877 perdesse um adorno d'ouro, no local do Bom Jesus do Monte, dirija-se ao mesmo Sanctuario, onde pôde encontrar noticia d'elle. (2107)

Arrematação de medidas

Domingo proximo terá logar por 10 horas da manhã a arrematação de 229 1/2 medidas de pão meado, 6 gallinhas, 4 frangos, um cabrito e 12 ovos, vencido tudo no S. Miguel do presente anno, e tudo pertencente á confraria de N. Senhora da Rosa da Sé Primaz.

A arrematação será feita na porta travessa da Sé ou S. Geraldo. (2108)

AO PUBLICO

Domingos Manoel de Carvalho, da freguezia de S. Julião de Taboços, concelho de Vieira, faz publico para todos os effeitos, que desde hoje em diante vae accrescentar ao seu nome o appellido de Castro—ficando por essa razão assignando-se para sempre Domingos Manoel de Carvalho e Castro, cujo nome inalteravelmente usará.

Braga 20 de novembro de 1878.

Domingos Manoel de Carvalho e Castro.
(2109)

GRANDE E VARIADO SORTIDO

GANDARELLA & C.^a

Campo de Sant'Anna—Braga

Acabam de receber um completo e variado sortido de fazendas proprias para a estação de inverno, sendo: lindissimas cazimiras inglezas proprias para fatos completos, cazimiras francezas, idem, lindissimos cortes de cazimiras inglezas, francezas e nacionaes, para calças, pannos sedões pretos e de cores, flannels inglezas, ratinas, montanhacs, etc. etc. Além d'isto os seus numerosos freguezes encontrarão n'este estabelecimento, um grande sortido de mantas chalinas proprias para a estação, gravatas de seda preta e de cores, cazimiras brancas e de cores, camizollas colletes de malha, ceroulas e muitos outros artigos que seria fastidioso enumerar. (2110)

Nova Firma Commercial

Viuva Silva & Filho, successores do fallecido Luiz Teixeira da Silva, negociante que foi com estabelecimento de pregagens em S. Jeronymo de Real, suburbios de Braga, declaram para todos os effeitos que continuam com o mesmo ramo de negocio desde a data da escriptura lavrada na nota do tabellião Fortuna, em 21 de agosto do corrente anno, e que o negocio que a cargo do ultimo signatario se achava estabelecido no campo de Santa Anna n.º 1, d'esta cidade nada tem com o negocio da nova firma.

Braga 18 de novembro de 1878.

Anna Luiza da Silva.
Ricardo Teixeira da Silva.
(2106)

VINHOS DA BAIRRADA

Grande deposito Filial

AO CENTRAL DO

Largo de St.º Agostinho n.º 3

BRAGA

Manoel Martins Canellas, faz sciente ao respeitavel publico que na terça-feira, 19 do corrente mez abre a retalho aquartilhado o seu generoso vinho de sua lavra, da Bairrada, no seu novo deposito

na rua de S. Salvador, no Campo da Feira do Gado, aonde encontrarão os snrs. consumidores de retalho vinhos brancos para meza, e tintos, geropigas e generoso vinho da colheita de 1868, tudo por junto ou a retalho.

Braga 18 de novembro de 1878.

Pelo snr. M. M. Canellas

(2105) J. J. da Cunha Moreira.

O CODIGO PENAL DA IGREJA

A CONSTITUIÇÃO APOSTOLICA SEDIS

DO

SS. PADRE PIO IX

Publicada em outubro de 1869

Commentada e annotada

PELO PRESBYTERO

João Rebello Cardoso de Menezes.

Vende-se em Braga, no Seminario de S. Pedro, e no escriptorio d'este jornal; e nas outras localidades, em casa dos revd.^{os} arcyprestes.

Preço 200 reis.

ATTENÇÃO

Aluga-se ou vende-se o magnifico palacete do fallecido visconde de S. Lazaro, sito na rua de S. Lazaro d'esta cidade, com frente para a rua do Raio.

Tem cocheira, jardins, pomar, quintal, agua em todos os andares, excellentes vistas e commodos para uma numerosa familia.

Tambem se arrenda ou vende, junta ou separadamente d'este predio, como mais convier, o prado contiguo ao quintal d'elle; o que tudo pôde ser visto a qualquer hora do dia.

Para tratar na gerencia do Banco do Minho ou na rua do Alcaide, n.º 23.
(2089)

ALUGAM-SE as casas n.º 21, no Campo Novo do Redoto, nobres e com muitos commodos. Trata-se na casa immediata n.º 22.
(981)

Dinheiro sobre penhores

Na Caixa Penhorista Bracarense, rua de D. Gualdim, ao pé da Roda, dá-se dinheiro sobre prata, ouro, joias, roupas e outros mais objectos que tenham valor de cincoenta mil reis para cima; tem grande abatimento nos juros.

Acha-se aberta desde as 7 horas da manhã até ás 8 da noite.

VENDA DE QUINTA

Vende-se a quinta de Cima, na freguezia de Caires, concelho de Amares. Tem montados sufficientes, e agua abundante que pôde regar mais propriedades. Trata-se em Braga no Campo Novo n.º 1.
(2063)

DINHEIRO A JURO.

A irmandade do Martyr S. Vicente, tem em ser a quantia de 800\$000 reis para mutuar por hypotheca de raiz.
(1036)

DINHEIRO A JURO

A confraria de Santo Amaro da Sé Primaz, tem para mutuar, a quantia de 500\$000 reis.
(2065)

Na rua de S. Vicente d'esta cidade de Braga, vendem-se as casas n.ºs 34—34 A, e as de n.º 35, com seu quintal, com sahida para a rua da Escoura.
(2016)

A QUEM INTERESSAR.

Sub-aluga-se o primeiro andar da casa n.º 32 do campo de D. Luiz I, o qual se compõe de quatro boas salas na frente, e um bom gabinete nas trazeiras. Quem o pertender pôde dirigir-se á commissão liquidatoria do Banco Commercial de Braga.
(2083)

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1878.